

I.3. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA

Este capítulo descreve a situação sócio-econômica do Pontal do Paranapanema, levantada a partir de dados disponíveis que foram obtidos principalmente na Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados e no IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Tal caracterização é fundamental pelo fato de que o homem é gerador de demanda de água, seja para seu próprio consumo, na forma primária, ou para garantir o processo produtivo. Além disso, para se entender a dinâmica atual da região, deve-se recorrer ao processo histórico de ocupação da área, inseri-la no contexto econômico do Estado e do país, para então obter-se uma avaliação do processo de ocupação e intervenção sobre os recursos naturais.

As informações sócio-econômico-ambientais subsidiam a avaliação de eventuais conflitos pelo uso da água, devendo ser analisadas conjuntamente aos dados sobre os recursos hídricos.

O capítulo inicia-se com breve histórico de desenvolvimento da região do Pontal do Paranapanema, apresentando uma síntese da ocupação relacionada às atividades econômicas que se desenvolveram com a penetração da população em direção ao oeste paulista.

A seguir, são verificados os principais indicadores demográficos e econômico-financeiros dos municípios pertencentes ao Comitê. Por fim, é apresentada a caracterização do uso e ocupação da região, bem como informações sobre política e desenvolvimento urbano.

I.3.1. Histórico de ocupação e desenvolvimento da região

O histórico da ocupação das terras do Pontal do Paranapanema é uma compilação dos levantamentos efetuados em IPT (1987) e SEADE (1999), abrangendo as bacias do rio Paranapanema e Peixe. O processo de ocupação desta região está intimamente relacionado com a própria história de ocupação do Estado.

I.3.1.1. O início da ocupação: plantio de cana-de-açúcar e pecuária

Esta ocupação deu-se a partir do litoral, a partir de Santos - São Vicente, passando pelos campos da borda do planalto ocidental (São Paulo - São Bernardo do Campo), até expandir-se para todo o interior do Estado, inicialmente através dos caminhos naturais (rede de drenagem) e de trilhas indígenas pré-cabralinas (Peabiru, p. e.) e, posteriormente, construindo os seus próprios caminhos.

As marchas e frentes de colonização no Estado de São Paulo também influenciaram a ocupação dos Estados vizinhos, mas, com o passar do tempo, migrações das populações desses Estados acabaram contribuindo para a ocupação e desbravamento das últimas fronteiras agrícolas situadas no oeste paulista.

No início da colonização portuguesa no Estado de São Paulo, as principais áreas ocupadas localizavam-se junto ao litoral, nas quais se tentou a implantação da cultura da cana-de-açúcar. No entanto, a necessidade de reconhecer o território

recém-descoberto, a ocupação efetiva das terras, a busca de riquezas tanto na forma de metais e pedras preciosas, quanto na forma de mão-de-obra escrava e a própria curiosidade aventureira, impulsionaram os novos moradores de São Vicente a se embrenharem para o sertão do Estado de São Paulo.

Para a penetração ao interior, foram usadas todos os tipos de vias de acesso existentes, tais como as redes de drenagem navegáveis, a ocorrência de campos naturais e cerrados, cuja vegetação mais rala permitia a passagem de tropas e, finalmente, as trilhas indígenas.

Ao longo dos caminhos e a certa distância dos rios, os sertanistas formaram pequenas roças na esperança de utilizá-las no retorno das expedições. Esses pontos acabaram tornando-se pousos habituais que, mais tarde, se transformaram em povoações.

Somente no século XVIII houve o início da interiorização do desenvolvimento paulista, sendo que na época, a atividade principal era a criação de gado. Neste período, a ligação São Paulo – Rio de Janeiro já era realizada através do vale do rio Paraíba, região que está incluída entre as primeiras a serem ocupadas de forma extensiva.

Houve uma nova tentativa, na época, para o cultivo da cana, que foi responsável pela expansão das pequenas áreas já ocupadas e povoadas da Depressão Periférica, na região dos rios Mogi-Guaçu e Piracicaba. Assim, até o final do século XVIII, a ocupação do Estado ainda era bastante incipiente e esparsa, situação que começou a se modificar com a cultura cafeeira.

1.3.1.2. O desenvolvimento da cultura cafeeira e das demais culturas

Neste período, o café foi plantado na região do Vale do Paraíba e o avanço das áreas cultivadas ocorreu procurando terras virgens das áreas de floresta, de forma a evitar as terras abaixo da linha dos trópicos.

Ao final do século XIX e início do século XX iniciou-se a corrida para o oeste, em busca de novas terras férteis para as plantações de café. Nesta época, a Depressão Periférica foi ultrapassada, transpondo-se a Serra Geral com as ferrovias que se prolongaram para o ocidente.

O cultivo do café, até então carro chefe da expansão da fronteira agrícola, foi, a partir 1930 parcialmente substituído pelas culturas do algodão, amendoim e outras, em função do mercado internacional, até que o paulatino esgotamento dos solos aumentasse a extensão dos campos de pastagem. Ressalta-se que as atividades rurais citadas anteriormente foram desenvolvidas por diferentes atores sociais: o café e as grandes fazendas de gado foram iniciativas da classe mais abastada; os demais cultivos foram realizados por pequenos fazendeiros e sitiantes que ocuparam a região através da implantação de loteamentos rurais.

O crescimento do número de pequenos proprietários verificou-se principalmente a partir da década de 1920. Neste sentido, a presença do imigrante que procurou, na medida do possível, tornar-se proprietário da terra através do arrendamento e finalmente, pela aquisição de pequenos sítios, também fomentou essa nova estrutura fundiária, decorrendo no aparecimento de muitas propriedades pequenas com culturas variadas, intercaladas às poucas e grandes fazendas de café e gado.

Até o início do século XX, a região do Paranapanema permaneceu pouco ocupada. Da incipiente ocupação indígena não existem registros ou dados históricos

suficientes para uma análise mais quantitativa. No entanto, a partir dos levantamentos da evolução da cobertura vegetal do Estado de São Paulo (Victor, 1974), pode-se notar que a área apresentava cobertura vegetal original, em sua maior parte, até aproximadamente 1910.

A partir do início do século XX, houve as primeiras tentativas de uma ocupação mais extensiva, sendo que um fato marcante foi o avanço da implantação das ferrovias, em 1915: "Vemos aparecer aqui pela primeira vez a estrada de ferro exploradora. Até então, as estradas tem caminhado sempre em regiões já povoadas. De agora em diante, o prolongamento dos trilhos já se faz juntamente com a exploração das regiões novas, antes mesmo do próprio povoamento" (Matos, 1974).

Com o término da escravidão, os plantadores de café viram-se obrigados a buscar trabalhadores livres, apelando para a imigração principalmente européia. Assim, juntamente com os fazendeiros plantadores de café, um grande número de trabalhadores rurais (nativos + imigrantes) deslocaram-se para o interior do Estado, promovendo a ocupação extensiva dos terrenos, desmatando, aumentando a área agrícola, ampliando as vilas, transformando-as em cidades, criando novos núcleos urbanos, em uma velocidade sem precedentes.

Nessa fronteira agrícola, a principal atividade econômica sempre foi o café. Após 1905, o maior crescimento na implantação de culturas de café foi verificado nas regiões ao sul do rio Tietê, abrangendo os espigões entre os rios Aguapeí e Peixe e entre os rios Peixe e Paranapanema.

Em 1905, na bacia do Paranapanema, o café estava entre Avaré e Piraju, com pequenas "ilhas" mais adiante, para oeste, perfazendo 6,5 milhões de pés. Sobre as "terras-roxas" entre Óleo e Assis, no período de 1905 a 1920, foram implantados cerca de 50 milhões de pés. A oeste de Assis, o número estimado de pés era da ordem de 24 milhões. Entre as cidades de Piratininga e Marília, às vésperas do *crack* de 1929, foi atribuído um número de 30 milhões de pés. Nesse período, associados à queda do preço de exportação do café, começaram aparecer pela primeira vez em escalas relativamente grandes, os problemas decorrentes do clima (geadas) e dos solos arenosos pouco férteis.

Saindo da faixa de "terra roxa", e avançando para o oeste de São Paulo, e para o norte do Paraná, o plantador de café começou a se deparar com terras também avermelhadas, de composição arenítica (Grupo Bauru), que se apresentavam com boas qualidades para a agricultura apenas nos espigões. O deslocamento para o sul também teve que se defrontar com problemas climáticos, sendo que o norte do Paraná foi castigado por geadas.

A oeste de Assis e, paralelamente, à cafeicultura, houve a implantação de grandes fazendas de gado, na faixa de solos menos nobres, fora dos espigões. Este período coincidiu com o grande crescimento das cidades de São Paulo e Santos, principais centros consumidores da carne bovina.

Ao mesmo tempo em que a ocupação das bacias do Peixe e Paranapanema intensificava-se rapidamente, verificou-se inovação tecnológica importante, relacionada à implantação de rodovias, em continuação às ferrovias, utilizando-se o caminhão como meio de transporte do café entre as fazendas e as estações de trem.

As primeiras estradas, aquelas que fizeram a continuação dos trilhos das ferrovias, tiveram a incumbência de ampliar lateralmente ao eixo ferroviário a área cultivada. Essas estradas também procuravam servir as pequenas lavouras

distantes dos núcleos habitacionais que se desenvolveram junto às estações. A estrada e o caminhão, completando a ferrovia, permitiram que os pioneiros afastassem-se ainda mais, pois contavam com transporte.

Na região de Alta Sorocabana, este último período de ocupação, que se deu por volta de 1930 a 1940, desencadeou a continuação do avanço sobre as áreas de floresta que existiam em direção às margens dos rios Peixe e Paranapanema. No entanto, a baixa qualidade das terras de meia encosta condicionou a formação de grandes áreas de invernada, imediatamente após à derrubada da mata.

A ocupação das áreas de mata que se verificou nesses anos, associada à grande crise econômica de 1929, modificou essencialmente as atividades econômicas que se desenvolviam na região. Assim, o café deixou de ser o único motivo do avanço dos pioneiros e, juntamente com ele, aparecem a cultura do algodão, amendoim, além da implantação das grandes fazendas de gado.

Em termos de estrutura fundiária, as grandes fazendas de café ou de gado ocuparam a maior parte da região, no entanto era muito grande o número de pequenas fazendas com áreas menores que 100 alqueires onde se plantava diversas culturas.

I.3.1.3. Desenvolvimento das culturas temporárias

O desenvolvimento das culturas temporárias, ou seja, aquelas que eram utilizadas exclusivamente para subsistência e manutenção dos colonos, começou a ter um panorama mais econômico, com o desenvolvimento da cultura do algodão. Até esse momento, as culturas de subsistência eram feitas de forma consorciada, principalmente em áreas de café novo: a técnica empregada consistia no cultivo manual entre as fileiras do cafezal previamente preparadas com instrumentos manuais, como enxada, enxadão e foice.

Com o desenvolvimento da cultura do algodão, apareceram equipamentos tracionados por animais, destacando o arado, a carpideira triangular e a grade dentada, equipamentos que passaram a ser utilizados também em outras culturas, tais como arroz, feijão e milho, que juntamente com a cebola, alho, abóbora e eventualmente, algumas frutíferas (laranja, banana, manga etc.) apareciam na maioria dos pequenos sítios.

Após 1945, houve aumento dos preços e conseqüentemente, retomada no cultivo do café. No entanto a existência de "terras roxas", que já tinham algumas plantações desde 1920 e a oportunidade de novas terras paranaenses, deslocaram grande parte dos plantadores paulistas para a região norte do Estado do Paraná (o "norte pioneiro").

Neste período, verificou-se uma importante inovação no sistema de cultivo do café. Até então, o cafezal era implantado através do cultivo das mudas em pontos de uma malha quadrada, sistema este que foi gradativamente sendo substituído pelo plantio em cordões, acompanhando as curvas de nível do terreno. Esta técnica, conjuntamente a outras práticas conservacionistas, foram sendo adotadas e implantadas com o intuito de minimizar a intensa degradação pelos processos erosivos dos solos ocupados.

I.3.1.4. Cultura algodoeira

O período posterior à crise de 1929 assistiu ao desenvolvimento do segundo ciclo do algodão no Estado de São Paulo. Em suma, a progressão dos eventos do

desenvolvimento da região do Pontal do Paranapanema, relacionados ao ciclo do café pode ser dividida em dois períodos principais:

- O **primeiro ciclo**, entre 1861 e 1875, tinha se desenvolvido basicamente pela diminuição da produção americana face a guerra civil, porém de pequena expressão, em termos de área ocupada.
- O **segundo ciclo**, a partir da década de 1920, desenvolveu-se em decorrência da crise da cultura cafeeira. O algodão, tido e mantido até então como agricultura marginal, relegada às terras pobres e a uma classe de lavradores descapitalizada, adquiriu foros de planta nobre e invadiu o antigo império do ouro verde.

Assim, parte do capital acumulado com a atividade cafeeira foi investido na atividade algodoeira, criando-se novas estruturas agrárias, novas paisagens rurais, novas organizações econômicas, e novos equipamento industriais, de beneficiamento e produção.

Qualquer que tenha sido, porém, a amplitude e o significado dessa revolução na economia agrária, um fato deve ser salientado: o algodão não chegou a destronar o café, embora tenha abalado seu prestígio e reduzido sua hegemonia na economia rural de São Paulo. No entanto, a cultura do algodão teve um aspecto positivo, principalmente com relação ao desenvolvimento do mercado consumidor interno, propiciando a formação da indústria (têxtil e de transformação) nacional. Também apresentou aspectos positivos quanto à formação e consolidação das pequenas propriedades. Portanto, esta atividade agrícola possibilitou e constituiu-se em uma alternativa econômica, com aspectos sociais associados. Por outro lado, esta cultura é uma atividade que exige muito do já esgotado solo paulista. Além da erosão, há o problema do esgotamento do solo pela planta, e o algodão é, por excelência, uma planta esgotante.

O desenvolvimento da indústria de aproveitamento dos subprodutos do algodão (óleo e torta) propiciou o desenvolvimento de outras culturas, podendo destacar-se o amendoim.

No segundo ciclo as áreas ocupadas com este tipo de cultura foram bem mais significativas, envolvendo, principalmente, os solos da Depressão Periférica e do Planalto Ocidental. Após 1940 houve um aumento crescente da área ocupada com o algodão na região do Planalto Ocidental em relação à região da Depressão Periférica, evidenciando um deslocamento da atividade algodoeira para o oeste do Estado.

I.3.1.5. Desenvolvimento e situação atual da ocupação

O panorama da ocupação de terras, das décadas 40 e 50, com base nos mapas da evolução do desmatamento mostra que o Estado de São Paulo estava quase totalmente ocupado, existindo apenas cerca de 10% da área total com vegetação original. Esta área apresenta-se na forma de uma mancha extremamente entrecortada, demonstrando o resultado das inúmeras frentes de desmatamento e concentrando-se junto ao rio Paraná e junto ao trecho final dos seus principais afluentes (Paranapanema, Peixe, Aguapeí, e Tietê). Esta configuração é decorrente da própria ocupação desta área, que se processou principalmente a partir dos principais espigões divisores de bacias.

Como mencionado anteriormente, o importante avanço tecnológico ocorrido ao final da década de 30, início da década de 40, com a introdução da tração

motorizada aos implementos agrícolas, aumentou significativamente a capacidade de preparação dos terrenos agrícolas. O trator, além de puxar o arado e outros equipamentos de revolvimento do solo, também foi sendo adaptado para tracionar plantadeiras, adubadeiras, carpideiras, colheitadeiras, e fornecendo potência para implementos de manuseio da produção como debulhadeiras, picadores etc. De forma semelhante à introdução dos veículos automotores no Brasil, os primeiros tratores foram importados, e a seguir, com a implantação das montadoras (final da década de 50), também passaram a ser fabricados aqui, aumentando significativamente o número de usuários.

A evolução, tanto no tipo quanto no número dos equipamentos agrícolas mecanizado foi crescente, substituindo os equipamentos tradicionais, tanto os individuais, como os tracionados por animais, no entanto, a utilização desses equipamentos, na maior parte das vezes, não foi feita de forma mais adequada para as condições de solo, relevo e clima da região, imprimindo, assim maior velocidade na degradação dos solos pela erosão, que já se verificava na maior parte dos solos agricultáveis do Estado.

Nessas últimas décadas, após a ocupação definitiva de quase todo o Estado, o uso do solo foi sendo mais ou menos consolidado para cada região, passando a sofrer apenas algumas flutuações e modificações em decorrência tanto do mercado internacional quanto em função de programas e políticas agrícolas governamentais.

A partir da década de 60, com a transformação nos processos de ocupação da região, com a diversificação de culturas, inclusive de menor absorção de mão-de-obra e com a divulgação da mecanização agrícola, observou-se a redução significativa da população rural e o rápido crescimento dos centros urbanos mais equipados, onde passaram a se instalar os empreendimentos industriais, ligados à transformação dos produtos agrícolas regionais. Tal processo levou a concentração demográfica, principalmente em Ourinhos e Assis, mas também em Santa Cruz do Rio Pardo e Bernardino de Campos.

O intenso uso das terras, nos moldes da agricultura atual, trouxe à região grandes problemas ambientais abaixo relacionados:

- baixo índice de cobertura florestal, provocado pelo grande incentivo para a produção na década de 60, de café; nas décadas de 70 e 80, de grãos para exportação e na década de 90, de cana-de-açúcar, promovendo, inevitavelmente o desmatamento da região;
- erosão laminar, por sulcos e boçorocas na área, devidos à super-utilização da terra, ao manejo inadequado e à não utilização de práticas conservacionistas, com conseqüente perda do solo fértil e assoreamento dos corpos d'água;
- contaminação ambiental devido ao uso intensivo dos agrotóxicos e disposição inadequada das embalagens dos agrotóxicos.

Histórico elaborado pela *Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo*

Por Valter Crepaldi Ganânciao

Relatório da Exploração do Rio do Peixe –1905/1906

Introdução

[...]

Da barra do Santo Anastácio seguiu para São Paulo o chefe da turma pela estrada recentemente aberta pela firma Diederichsem & Tibiriçá, e que liga Campos Novos a Vacaria em Mato Grosso.

[...]

Considerações Gerais

[...]

A região sertaneja, compreendendo o vale do Peixe e a parte paulista do vale do Paranapanema, desde a fronteira das cabeceiras daquele rio, é assim assinalada pelos campos.

Eles se estendem até a cabeceira do rio Santo Anastácio e compõem-se ora de uma vegetação rasteira, o que forma os campos limpos, ora uma mescla destes com uma vegetação alta e que aí se compõe de matas de primeira ordem.

Os campos do Laranja Doce, cuja área abrange as cabeceiras deste ribeirão, são limpos de vegetação mais alta, de modo que o seu conjunto é homogêneo. Eles são compostos de macega e capim mimoso.

[...]

Na passagem dos campos para as matas há sempre uma transição por uma faixa de cerrados que progressivamente vão crescendo até terminar numa mata frondosa.

Pelo lado do Paranapanema ela vai margeando o rio a distância de muitas léguas, até as proximidades do Laranja Doce. Aí ela se estende até quase a fronteira das cabeceiras do Santo Anastácio, seguindo pela serra do Diabo e por todo o vale desse rio e do Peixe.

É interessante a passagem dos campos do Laranja Doce para as matas da serra do Diabo. Ela se dá bruscamente, sem ser alternada por qualquer cerrado, como é comum na zona.

Desses campos até o Paraná, as matas ocupam um espaço de dezoito léguas, sendo interrompida às vezes por pequenos campos, verdadeiras ilhas no meio da vegetação frondosa.

Vegetação

[...] *Bem perto o terreno se eleva para formar o vale do Santo Anastácio, revestido também de uma mata alta, que se estende da cabeceira à foz desse rio e em cujo centro aparecem de quando em quando pequenos campos rodeados de uma vegetação frondosa.*

Fauna

Geralmente a idéia que do sertão, fazem os moradores dos grandes centros de população, com referência a fauna, é de grande abundância de peças de caça e pesca.

Acostumados como estão a ver desaparecer, pelo abatimento das matas e pela ininterrupta caça, os exemplares da nossa fauna, julgam que em vez de terem sido destruídas pelo invasor, mudaram-se de região, indo então habitar a parte sertaneja do Estado, circunscrita hoje à serra de Santos e ao sertão do extremo oeste.

Não há muita verdade nessa crença: há trechos do sertão paupérrimos de caça e há parte povoada onde ela abunda em profusão.

O ano passado, quando estivemos no Feio, apesar do longo tempo de nossa estadia, e do grande pessoal que tínhamos, o número de peças que mataram foi tão diminuto que mal daria para a refeição de nosso pessoal em um dia.

Idêntico fato se reproduz nos extensos campos do Paranapanema e mesmo na estrada de Santo Anastácio, onde, a não serem as poucas perdizes e os bandos de pombas nas vizinhanças das habitações, dificilmente víamos outras caças. E isto apesar do pouco povoamento da região, da proximidade do sertão virgem e também do pequeno número de caçadores.

No rio do Peixe, porém ela é fortemente representada em exemplares de toda espécie e que se encontram geralmente nos lugares salitrosos, denominados barreiros, e onde se reúnem as caças de todas as qualidades, de pena e de pelo, que vêm lambar o cloreto de sódio que eles contém.

É tal a aglomeração de caças aí que há barreiros nos barrancos altos do rio, onde as caças cavaram para mais de dez metros cúbicos de terra!

E no entretanto os barreiros se sucedem, encontrando-se na beira do rio uma grande porção de trilhos (carreiro) fundos e largos, cavados pelas antas, no meio do gres duro, o que lhes dá o aspecto dos valos que no interior do Estado se dividem as propriedades agrícolas.

Fora dos barreiros, elas também eram vistas continuamente ou à frente da picada que abríamos ou então à margem do rio, assistindo a passagem das nossas embarcações.

Mesmo quando procedíamos a feitura das embarcações, não raro era ver-se cruzar o nosso acampamento, aproximar-se dos operários e depois tranqüilamente entrar no rio, um bisonho veado que bem pouca importância ligava à presença de uma porção de gente. A noite também nos acampamentos era comum uma anta passar entre as cordas das barracas e atirar-se brutalhadamente ao rio. Na descida do rio, continuamente se viam entrelaçar entre canoas porções de antas, capivaras, ariranhas, lontras etc.

Do lado dos pássaros, não só de grande vulto, como cantores, o úmero era quase ilimitado.

Bandos de pássaros passavam por cima das nossas canoas subindo o rio, assim como uma porção de anhumas, cuja espécie é quase desaparecida dos povoados, soltavam pios estridentes, assustadas com a nossa passagem.

Os pássaros de canto formavam então uma ininterrupta orquestra.

A quantidade de guachos era tal nesse rio que rara a curva em que não se encontre uma árvore povoada com mais de cem ninhos, construídos em forma de bolsa, que dá ao longe uma aparência de frutos pendentes.

Quanto a peixes, era tal sua quantidade que cinco minutos depois de chegarmos ao pouso, já estavam pescados os suficientes para a nossa refeição do dia.

Não só para não perdermos tempo com a caçada, como também para não despertarmos atenção dos índios com os tiros, não permitíamos esse gênero de esporte.

É esta a lista dos exemplares que encontramos:

Mamíferos – *Macacos de diversas espécies, onça pintada, veados, antas, catetos, ariranhas, lontras etc.*

Aves – *Trepadores: papagaios, araras vermelhas e amarelas, periquitos, maitacas, tucanos, pica-paus etc.*

Gyratores: grande número de pombas de todas as espécies.

Rasores: inhanbús, macucos, urús, jacú, jacutinga, mutuns, jaós etc.

Incessores: beija-flores, curiangos, urutáguas, arapongas e sabiás etc..

Pernaltas: colhereiro, garças pardas e brancas e jaburús.

Nadadores: o pato branco, o biguá e o tapicurú.

Palamedeidae: anhumá.

Anfíbios e répteis – *cágados, grandes jacarés, lagartos e uma grande variedade de cobras e entre outras a sucuri.*

Peixes – *Esta classe é bem representada (merecendo perfeitamente o rio o nome que traz), cujos exemplares aparecem em todos os pontos do rio tais como: dourados, piabas, pacús, piranhas, corumbatás, sucuri, lambari etc., que apresentam-se em grande quantidade, principalmente na região dos saltos.*

Na ordem dos insetos, uma porção de borboletas de variadas cores, agrupadas em grande número, mas sem que a de coloração se misturasse com a outra.

Moscas e mosquitos de diferentes qualidades, importunando com a monotonia do seu canto, com o seu voltejar irritante ao redor do rosto ou ainda com suas picadas ardentes

O número de abelhas silvestres é bem grande, sobressaindo entre elas a mombuca, que existe em grande quantidade em toda a região sertaneja, são elas tão ávidas de suor que há ocasiões de se ficar com as mãos rosto e roupa inteiramente coberto por elas.

Felizmente a não ser o prurido que produzem, nenhum outro mal fazem.

Notas

[...]

Quanto a vegetação dos campos e cerrados da zona em questão, ela não difere nas suas essências dos outros do interior.[...] Anonas, Byrsonimas, Hancornia, Kielmeyera, Lafoensia, Plenckia, Strychnos, Stryphnondendron, Vochysia etc. são árvores comuns a todos os campos cerrados em toda a parte do território, cuja maior ou menor frequência varia conforme altitudes, distâncias geográficas e formações geológicas.

[...]

Nos cerrados o ipê amarelo florescia abundantemente, enquanto era raro o ipê roxo.

[...] O inimigo perfidioso, sanguinário e vingatório, o coroadado selvagem, finalmente terá de aceitar a civilização emigrar ou sucumbir e o sertão, o admirável sertão, abrir-se-á, sem condições, aos inteligentes e valentes pioneiros da cultura e da humanidade.



Picadão do Panella